



Cultura na Escola: a literatura regional como ferramenta na formação da identidade da criança amazônica

Andria Marinho de Oliveira – UFAM – andriaamo@hotmail.com
Profª Drª Maria de Jesus Campos de Souza Belém – UFAM – mariadejesusbelem@ufam.edu.br

Eixo 03 - Escola, Cidadania e Cultura

Resumo

Esta pesquisa em desenvolvimento busca investigar como a literatura amazônica pode ser utilizada pedagogicamente na formação da identidade cultural desde os anos iniciais do ensino fundamental, além de explicitar desafios, possibilidades e estratégias que contribuam para reduzir a invisibilização das culturas locais na escola. Tal estudo, justifica-se pela necessidade de valorização cultural em um contexto educacional globalizado, no qual tradições regionais são ofuscadas por conteúdos universais, baseados em referências sudestinas ou eurocêntricas. A metodologia baseia-se em levantamento bibliográfico qualitativo, articulado à linha histórico-cultural, aliado à pesquisa de campo em uma escola pública na zona Centro-Oeste de Manaus. Os resultados esperados concentram-se no fortalecimento da compreensão sobre o papel da literatura regional na formação da identidade cultural da criança, contribuindo para o debate acerca de uma educação integral e contextualizada nesta região do Amazonas.

Palavras-chave: Ensino fundamental; Literatura regional; Saberes locais; Cultura e identidade regional; Ferramenta pedagógica interdisciplinar.

Introdução

O estudo em andamento, concebido para apresentação como Trabalho Final de Curso (TFC), tem como objetivo principal investigar como a literatura amazônica pode ser trabalhada como ferramenta pedagógica na formação da identidade cultural da criança nos anos iniciais do ensino fundamental.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de valorização das culturas locais em um cenário educacional globalizado, no qual as tradições regionais frequentemente são ofuscadas por conteúdos universais. É importante salientar que, no estágio atual do estudo, iniciado em agosto de 2025, a pesquisa de campo ainda não foi executada, estando prevista para ocorrer entre outubro de 2025 e março de 2026, após obter aprovação no Comitê de Ética da UFAM.

A etapa inicial aqui apresentada concentra-se na consolidação da fundamentação teórica, que subsidiará a análise das práticas pedagógicas em sala de aula, investigando como a temática da



cultura e identidade amazônica é abordada por meio da literatura regional. Ademais, por se tratar de um estudo em implementação, ainda não dispomos de resultados finais.

Em uma primeira instância, percebe-se que a formação da identidade cultural da criança é intrinsecamente ligada às experiências e contextos socioculturais nos quais ela está inserida. Sob a lente da abordagem histórico-cultural de Lev Vygotsky (2017), o desenvolvimento humano é mediado por instrumentos e signos culturais, sendo a literatura um dos principais veículos para a transmissão e preservação das tradições. No vasto e diverso território amazônico, as narrativas literárias locais, que emergem da vivência de camponeses, ribeirinhos, indígenas, quilombolas, e das populações urbanas, carregam elementos fundamentais para a constituição do imaginário regional, configurando-se como um canal poderoso para a construção do sentimento de pertencimento da criança amazônica (Munduruku, 2013 *apud* Faustino, 2013).

A leitura de conteúdos regionais amplia não apenas o conhecimento das crianças sobre sua própria cultura, mas também sua formação como cidadãos conscientes e críticos. Os autores Loureiro e Pinheiro (2018) ainda descrevem que o contato com narrativas amazônicas enriquece o aprendizado interdisciplinar, abordando questões como a preservação ambiental, a valorização das tradições orais e a luta por direitos sociais.

Dessa forma, a literatura amazônica, ao retratar a interação entre o ser humano e a natureza, vai além de sua dimensão puramente descritiva. Ela se torna uma ferramenta pedagógica crucial para despertar nas crianças seu senso de pertencimento ao local onde vivem. Nesse sentido, a educação literária também assume um papel político, preparando as crianças para atuarem como cidadãos que respeitam e promovem a diversidade cultural e ambiental, de acordo com Camatta; Naome; Fonseca (2022). Para as autoras, indo além de histórias fictícias, os livros podem representar debates políticos em suas páginas ou suscitar discussões pela forma como são veiculados ou não. Assim, a mobilização da literatura amazônica na sala de aula não apenas pode promover a identidade, mas também desenvolver habilidades críticas de leitura, ampliando o vocabulário e a competência interpretativa dos alunos ao confrontá-los com dialetos e estruturas narrativas próprias da região (Alvarez; Cardoso, 2020).

Metodologia

A metodologia proposta baseia-se em um levantamento bibliográfico de caráter qualitativo, cuja análise fundamenta-se na linha histórico-cultural de Lev Vygotsky, com realização de pesquisa de campo em uma escola pública. Serão analisados livros regionais, artigos acadêmicos, documentos oficiais, e outros materiais que abordem a relação entre literatura amazônica, educação infantil e formação da identidade cultural, para compreender como a literatura regional tem sido inserida, efetivamente, nas práticas pedagógicas. Ademais, em pesquisas dessa natureza, como indica Gil (2008), o ponto de partida utiliza-se de materiais que já foram desenvolvidos por outros autores que se dedicaram ao campo de estudo ora pesquisado, como Bastos e Oliveira (2023), Julia (2001), Loureiro e Pinheiro (2018), dentre outros. Na etapa de campo, será realizado procedimento de observação participante em uma escola que oferece o Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Nela, serão realizadas entrevistas com professores, rodas de leitura com as crianças e observações das práticas pedagógicas nos espaços de sala de aula, biblioteca, sala de leitura ou brinquedoteca, no período de outubro de 2025 até março de 2026. A escola selecionada está localizada na zona Centro-Oeste da cidade de Manaus. Nesse ambiente, complementando a recolhida de dados, será analisada a documentação pedagógica referente aos planos pedagógicos dos professores entrevistados.

A abordagem histórico-cultural de Vygotsky será central para analisar como os contextos sociais e culturais influenciam a formação da identidade das crianças por meio do contato com narrativas literárias, em ambiente escolar. A escolha por essa linha teórica permite explorar como a literatura amazônica pode mediar processos de aprendizagem, promovendo a internalização de valores culturais e o fortalecimento do senso de pertencimento.

Discussão

Cultura: produção coletiva, resistência e vivência

A noção de cultura, para além de uma definição estática e erudita, deve ser entendida como um campo de práticas cotidianas, modos de vida e sistemas simbólicos que se constituem historicamente. Michel de Certeau (1995), ao tratar da “cultura no plural”, rompe com a visão unificadora e normativa da cultura, apontando que ela é constantemente disputada, recriada e apropriada pelos sujeitos em seus contextos específicos. Para o autor, a cultura não é apenas



aquilo que é transmitido pela instituição escolar, mas aquilo que se constrói no embate entre o instituído e as práticas populares e locais.

Na mesma direção, Arendt (2009) argumenta que a cultura deve ser compreendida como o espaço onde os homens se colocam entre o passado e o futuro, ou seja, um lugar de memória, invenção e responsabilidade. Ao se debruçar sobre a tradição, a autora defende que a cultura não pode ser reduzida à mera repetição, pois envolve a capacidade humana de julgar, selecionar e recriar os elementos herdados, dando-lhes novos sentidos no presente.

Quando aplicada à escola, essa concepção amplia a compreensão da educação como um processo que envolve o reconhecimento das múltiplas expressões culturais presentes nas comunidades escolares. Nesse sentido, Cortella (2014) ressalta que educar é preparar para a convivência no plural, o que implica considerar os saberes que os alunos carregam de suas realidades socioculturais como parte legítima do processo de ensino e aprendizagem.

Na Amazônia, essa perspectiva adquire contornos específicos. A diversidade de povos, sendo estes indígenas, ribeirinhos, quilombolas, camponeses, urbanos e periféricos, e a multiplicidade de práticas culturais que coexistem no território amazônico desafiam os modelos hegemônicos de currículo e pedagogia. Como dispara Alves (2016), para reconhecer a cultura amazônica no espaço escolar é necessário não somente incluí-la como conteúdo, mas de compreender a escola como um território em que essas culturas se manifestam, se tensionam e se transformam em práticas educativas.

Identidade: pertencimento, reconhecimento e construção social

A identidade, nesse contexto, emerge como uma construção social profundamente atravessada pelas relações de poder, pela memória coletiva e pelas experiências territoriais. Não se trata de uma essência fixa, mas de um processo contínuo de reconhecimento de si e do outro em um determinado contexto histórico e cultural. Na escola, esse processo é especialmente importante durante a infância, período em que as crianças começam a construir referências sobre quem são, onde vivem e a que grupos pertencem.

A construção da identidade passa, portanto, por um processo de valorização das memórias locais, das linguagens regionais e das formas de vida específicas da Amazônia. Nesse sentido, a literatura regional, ao retratar o universo simbólico da amazônia, das comunidades



ribeirinhas, quilombolas, indígenas; das tradições orais, pode se tornar uma importante ferramenta para o fortalecimento da identidade cultural das crianças, oferecendo-lhes representações nas quais possam se ver, se ouvir e se afirmar.

Entretanto, entende-se que a articulação entre cultura e identidade na educação amazônica exige um reposicionamento político e epistemológico da escola enquanto espaço de escuta, de reconhecimento e de legitimação dos saberes locais. Não apenas de tematizar a Amazônia nos conteúdos escolares, mas de construir práticas pedagógicas enraizadas nas realidades das comunidades e abertas ao diálogo com diferentes formas de conhecimento.

A formação das crianças da região passa necessariamente por uma escola que não as silencie, mas que seja capaz de acolher suas linguagens, seus modos de estar no mundo e seus repertórios culturais (Alves, 2016). A literatura regional, nesse cenário, torna-se um ponto de encontro entre o vivido e o representado, entre o local e o universal, e pode contribuir para uma pedagogia da escuta e da presença (Alves, 2016).

Ao assumir cultura e identidade como eixos centrais de sua prática, a escola pode se tornar um espaço de formação integral, onde a criança amazônica se reconheça não apenas como estudante, mas como sujeito de saberes, de direitos e de história.

Infâncias amazônicas e a formação identitária na escola

A identidade da criança amazônica é construída por meio de um emaranhado de experiências socioculturais, afetivas e territoriais. Como destaca Seabra (2024), o reconhecimento dessa identidade, sobretudo no contexto da educação infantil, demanda a escuta das vozes das crianças e a consideração de seus modos próprios de ser, saber e sentir. O estudo do autor, realizado em municípios do Alto Solimões, na tríplice fronteira Brasil–Peru–Colômbia, evidencia que as crianças amazônicas, mesmo quando imersas em realidades distintas — urbanas, indígenas, ribeirinhas ou fronteiriças —, compartilham vínculos profundos com os elementos naturais, as práticas culturais locais e os saberes ancestrais.

Embora o território fronteiriço configure um contexto particular de interações interculturais, a pesquisa de Seabra (2024) contribui para ampliar o debate sobre a formação da identidade infantil na Amazônia como um todo. Os dados revelam que as infâncias amazônicas se constituem a partir de experiências enraizadas no cotidiano. Esses elementos não apenas



integram o repertório simbólico das crianças, mas também são constituintes de sua subjetividade e visão de mundo.

Apesar disso, tais experiências seguem invisibilizadas nos espaços escolares, muitas vezes submetidas à lógica de um currículo unificado e descontextualizado. As escolas urbanas, ao priorizarem conteúdos normativos e universais — geralmente definidos a partir de referências sudestinas ou eurocêntricas —, acabam por marginalizar saberes locais e desconsiderar os vínculos culturais que sustentam a vida das crianças amazônicas (Seabra, 2024). Essa ausência compromete a função social da escola como espaço de reconhecimento e valorização da diversidade.

É importante observar, no entanto, que as escolas indígenas e escolas do campo, operam com propostas curriculares específicas que buscam integrar os saberes tradicionais, as línguas maternas e as práticas culturais das comunidades às suas práticas educativas. Esses currículos e modalidades representam uma forma de resistência à homogeneização do ensino e à desconsideração das múltiplas territorialidades presentes na Amazônia. Em suas propostas pedagógicas, está previsto o diálogo entre conhecimentos locais e conhecimentos escolares, promovendo uma abordagem intercultural mais sensível às identidades coletivas e ao pertencimento territorial.

Ademais, Seabra (2024) também chama atenção para o papel da linguagem como elemento constitutivo da identidade. A Amazônia é marcada por uma intensa pluralidade linguística, seja por meio de línguas indígenas, dialetos regionais ou traços multiculturais que emergem nas interações cotidianas. No entanto, o ambiente escolar tende a adotar uma concepção homogênea de língua, reforçando o padrão culto do português e, em muitos casos, desvalorizando as expressões linguísticas locais que fazem parte da vida das crianças. Essa prática não apenas deslegitima seus modos de falar, mas também afeta sua autoestima e sentimento de pertencimento.

A literatura regional surge, nesse cenário, como uma alternativa pedagógica. Ao trabalhar narrativas que representam o universo simbólico das infâncias amazônicas, a escola pode favorecer o fortalecimento de vínculos entre os estudantes e suas realidades socioculturais. Seabra (2024) reforça que as crianças possuem repertórios narrativos próprios e que, ao serem escutadas, revelam compreensões sofisticadas sobre o lugar onde vivem, sobre si mesmas e

sobre as relações que constroem. Inserir essas narrativas no cotidiano escolar não é apenas reconhecer as crianças como sujeitos culturais, mas também reposicionar a escola como agente de mediação intercultural.

Por fim, as contribuições do estudo de Seabra (2024) apontam para a necessidade de políticas educacionais que reconheçam as especificidades regionais e as múltiplas infâncias existentes na Amazônia. Esse reconhecimento deve estar articulado à formação docente, ao planejamento curricular e à escolha dos materiais didáticos. Nesse contexto, a literatura regional — enquanto expressão da memória coletiva, da oralidade e da diversidade amazônica — configura-se como ferramenta pedagógica indispensável para o fortalecimento da identidade da criança amazônica no ambiente escolar.

A Literatura Regional no Contexto Escolar: Letramento literário amazônico

A Amazônia é uma região que vive uma diversidade permeada por diferentes condições de vida, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos (camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas, assentados, atingidos por barragens, populações urbanas e periféricas das cidades), compondo diferentes matrizes étnicas, com diversos valores e modos de vida (Alves, 2016, p. 6).

A epígrafe em destaque oferece uma ideia da diversidade cultural que compõe o contexto tipicamente, amazônico, que precisa ser parte de uma formação escolar capaz de contribuir para a promoção da identidade cultural por meio da literatura amazônica, na medida em que se relaciona com a capacidade das crianças de aprender a interpretar criticamente o mundo a sua volta. Freire (1996) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que permite compreender que as narrativas regionais podem ser mediadoras potentes na construção do olhar crítico sobre a realidade socioeconômica e ambiental da Amazônia, bem como no fortalecimento de valores éticos e sustentáveis (Loureiro; Pinheiro, 2018; Freire, 1996).

A cultura escolar, como analisa Julia (2001), é moldada por diversos fatores sociais e históricos, sendo atravessada por práticas que tanto reproduzem quanto silenciam determinadas identidades. Nesse contexto, está inserido o conceito de letramento literário, entendido como a capacidade de atribuir sentidos complexos ao texto literário e que pressupõe uma leitura que



ultrapassa a compreensão literal. Trata-se de uma prática que mobiliza a sensibilidade estética, os saberes socioculturais e as experiências subjetivas do leitor, promovendo a construção crítica da leitura. No contexto amazônico, essa prática ganha contornos específicos quando associada à literatura de expressão regional, cuja produção reflete modos de vida, valores e linguagens que dialogam diretamente com a realidade dos estudantes da região Norte.

Dessa forma, a literatura amazônica, ao expressar narrativas ancoradas no cotidiano de comunidades ribeirinhas, indígenas, urbanas e quilombolas, oferece um campo fértil para a constituição de um sujeito leitor que reconhece em si as marcas de uma identidade cultural múltipla. A inserção de textos literários que representam o universo simbólico da região contribui para que os alunos se reconheçam nas histórias, resgatem memórias afetivas e fortaleçam o vínculo com o território em que vivem (Alvarez; Cardoso, 2022). Esse reconhecimento, longe de ser apenas identitário, atua como base para uma leitura mais sensível às contradições sociais e ambientais que atravessam a Amazônia contemporânea.

Nesse escopo, é necessário destacar a literatura indígena como parte constituinte da produção literária amazônica. Ao articular oralidade, cosmovisões e valores ancestrais, as narrativas dos povos originários ampliam o horizonte de compreensão dos estudantes sobre natureza, espiritualidade e coletividade. Autores como Daniel Munduruku, por exemplo, demonstram como essas histórias podem se tornar instrumentos educativos para o respeito à diversidade cultural e para a construção de uma ética ambiental mais integrada (Faustino, 2013). Essa dimensão pedagógica transcende o campo da representação, configurando-se como um exercício de diálogo entre epistemologias distintas.

A proposta de um letramento literário amazônico enfrenta, no entanto, barreiras estruturais. A ausência de políticas públicas voltadas à difusão das obras amazônicas, aliada ao desconhecimento de autores locais por parte dos próprios docentes e à escassez de materiais nos livros didáticos, contribui para a marginalização dessa produção no ambiente escolar (Alvarez; Cardoso, 2022). Tal invisibilidade alimenta um processo de silenciamento cultural, cuja consequência imediata é o enfraquecimento das referências simbólicas que formam a base da experiência escolar do aluno amazônida. A ausência de conteúdos regionais nos currículos e nas práticas pedagógicas, por sua vez, contribui para a invisibilização de culturas locais e compromete a formação integral dos sujeitos, ao restringir as possibilidades de reconhecimento



e pertencimento no espaço educativo.

Outro elemento de destaque na discussão do letramento literário regional é o papel das variantes linguísticas locais. O dialeto nortista ou “amazofonia” — frequentemente estigmatizado nos espaços escolares — aparece na literatura como marca identitária e estética. Ao reconhecer essas formas linguísticas como legítimas, o processo de leitura contribui para o combate ao preconceito linguístico e para o fortalecimento da autoestima cultural dos alunos. Essa perspectiva ressoa nas discussões sobre educação linguística que reconhecem o valor das variações regionais na formação da competência discursiva.

Sob uma abordagem pedagógica mais ampla, o letramento literário, tal como proposto por Cosson (2014), não se restringe à leitura de textos consagrados, mas inclui o desenvolvimento de competências interpretativas, culturais e críticas a partir de um repertório textual diversificado. A literatura amazônica, nesse cenário, insere-se como espaço de resistência e reexistência simbólica. Seu estudo em sala de aula permite o enfrentamento das lógicas curriculares hegemônicas e abre possibilidades para a construção de uma educação sensível às múltiplas realidades que compõem o território amazônico.

Mais do que defender a presença da literatura amazônica nos currículos escolares, é necessário compreendê-la como elemento estruturante de um projeto de educação que reconheça o lugar, a linguagem e os saberes dos sujeitos da floresta, dos igarapés, das periferias e das margens. A leitura dessas obras, ao possibilitar a mediação entre o vivido e o representado, reforça o papel da literatura como linguagem de interpretação do mundo e da condição humana.

A Região Norte e sua Invisibilidade Regional e Nacional

A região Norte enfrenta um histórico de marginalização no contexto nacional e regional, refletido também na educação. A invisibilização da Amazônia nos livros didáticos e materiais escolares é uma questão recorrente, como destacado em estudos recentes.

A pesquisa de Bastos e Oliveira (2023), disponível no repositório do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), analisou três livros didáticos do ciclo PNLD 2021 e encontrou que apenas um deles apresentava literatura amazônica de forma adequada, mas ainda sucinta. Isso demonstra a persistência de práticas relacionadas à colonialidade do saber e ao epistemicídio, que marginalizam culturas locais amazônicas e conhecimentos indígenas na educação brasileira.

(Bastos; Oliveira, 2023). Essa ausência contribui para a desvalorização da identidade cultural das crianças da região amazônica e para a perpetuação de uma visão centralizadora que privilegia o cânone literário tradicional em detrimento das pluralidades culturais do país (Bastos; Oliveira, 2023).

Adicionalmente, Souza e Colares (2022) ressaltam a falta de representação da complexidade ambiental e cultural da Amazônia em currículos escolares regionais, que frequentemente abordam a região de forma limitada. Tal invisibilidade reforça a exclusão de saberes locais, dificultando que crianças da região se identifiquem com os conteúdos escolares e se reconheçam como sujeitos ativos de sua própria cultura.

Além dessas constatações, estudos sobre o ensino de Ciências no Norte apontam que a hegemonia eurocêntrica persiste, contribuindo para o epistemicídio dos saberes tradicionais amazônicos. Segundo Santos et al. (2025), o descolonialismo no ensino de ciências exige a integração de saberes indígenas e ribeirinhos para superar uma visão reducionista e universalista do currículo. Esse desafio revela a urgência de uma reformulação curricular que valorize saberes locais; a formação docente intercultural; e políticas públicas dirigidas à educação transformadora na região.

A invisibilidade também se manifesta nas representações do espaço urbano amazônico. Silva e Cabral (2024) observaram que as cidades amazônicas são frequentemente retratadas de forma genérica em livros didáticos, sem considerar suas especificidades topográficas, econômicas e sociais. A ausência de materiais que retratam adequadamente a complexidade regional impede que os estudantes estabeleçam vínculos reais entre o currículo e sua realidade.

Além disso, a dimensão da inclusão é outro aspecto desconsiderado nas políticas educacionais da região. Bringel e Rolim (2023) discutem os desafios da educação inclusiva na Amazônia, evidenciando que crianças com deficiências raramente encontram abordagens pedagógicas adaptadas aos seus contextos. Carvalho (2022) complementa esse argumento, apontando que a desigualdade educacional no Norte é também geográfica: muitas escolas carecem de infraestrutura básica, como rampas e banheiros adaptados, o que limita o acesso e a permanência desses estudantes.

Diante desse panorama, três pontos merecem destaque:



1. **Epistemologia e currículo descolonial:** a educação na Amazônia não deve reproduzir conteúdos afastados da realidade local; é imprescindível reconhecer e integrar as epistemologias dos povos amazônicos.
2. **Representatividade das culturas e saberes amazônicos:** seja no ensino de História, Geografia ou Ciências, o apagamento da regionalidade reduz as experiências simbólicas dos alunos, comprometendo a construção de identidade cultural.
3. **Infraestrutura e inclusão:** a ausência de acessibilidade e de práticas inclusivas adaptadas ao contexto amazônico reforça formas de exclusão espacial e cultural.

Portanto, essas questões destacam a necessidade de um novo olhar sobre os materiais didáticos regionais. A literatura amazônica, como proposta intercultural, pode promover diálogos entre comunidades, epistemologias e saberes, contribuindo para uma educação emancipadora, inclusiva e representativa. Para que essa perspectiva se efetive, é necessário envolvê-las na formação docente continuada, no desenvolvimento e inclusão de materiais contextualizados e em políticas públicas comprometidas com a diversidade cultural e geográfica da Amazônia.

Considerações Finais

Conforme o cronograma da pesquisa, os resultados da pesquisa de campo, prevista para ocorrer entre outubro de 2025 e março de 2026, ainda não estão disponíveis. No entanto, a fundamentação teórica aqui desenvolvida permite traçar um panorama inicial e propor reflexões críticas que serão a base para a futura análise dos dados empíricos.

Constata-se que a literatura é um instrumento essencial para a mediação cultural, capaz de transmitir e preservar tradições. No contexto amazônico, a literatura regional, que retrata a diversidade de povos e suas vivências, emerge como um recurso fundamental para a construção de um senso de pertencimento na criança (Loureiro; Pinheiro, 2018; Faustino, 2013). A educação literária, nesse sentido, transcende a mera leitura de ficção e assume uma dimensão política, incentivando o desenvolvimento de uma consciência ambiental e de habilidades críticas (Camatta; Naome; Fonseca, 2022). A inclusão dessas narrativas pode ainda aprimorar o vocabulário e a competência interpretativa dos alunos (Alvarez; Cardoso, 2020).



Ademais, as reflexões sobre as infâncias amazônicas reforçam a necessidade de um olhar mais atento para as especificidades regionais. Seabra (2024) evidencia que, embora as crianças da região compartilhem vínculos profundos com a natureza e saberes ancestrais, suas experiências são frequentemente invisibilizadas por currículos homogêneos. A literatura regional, ao representar esse universo simbólico, torna-se uma alternativa pedagógica para fortalecer os laços dos estudantes com suas realidades socioculturais e para reposicionar a escola como agente de mediação intercultural.

Finalmente, os resultados esperados desta pesquisa, após a coleta de dados de campo, incluem a ampliação do entendimento sobre o papel da literatura na construção da identidade cultural da criança amazônica e a proposição de uma reflexão crítica acerca dos desafios didático-pedagógicos. Ainda mais, a pesquisa pode vir a contribuir para o debate sobre uma educação que não apenas inclua, mas também valorize os saberes, as culturas e as identidades dos sujeitos amazônicos.

Referências

- ALVAREZ, V.; CARDOSO, J. Literatura Amazônica: estratégias educativas para a formação de leitores. **Revista A Palavrada**, Belém, v. 22, p. 110–122, jul.–dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/apalavrada/article/view/16308/0>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- ALVES, Laura Maria Silva Araújo (org.). Apresentação do dossiê: Infâncias na Amazônia: história, cultura e educação. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p. 1–6, set.–dez. 2016.
- ARENKT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BASTOS, Bianca Cunha; OLIVEIRA, Gabriella M. Carvalho de. A colonialidade do saber e a literatura indígena em sala de aula através dos livros didáticos. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)**, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifsp.edu.br/items/9f070839-b4dc-4761-9c05-cc3c470a13e8>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BRINGEL, Mariana; ROLIM, Priscila A. Educação inclusiva na Amazônia: desafios e possibilidades. **Anais do Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 2023. Disponível em:



<https://proceedings.science/cbee/cbee-2023/trabalhos/educacao-inclusiva-na-amazonia-desafios-e-possibilidades>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CAMATTA, Bianca; NAOME, Letícia; FONSECA, Rebeca. **Literatura e política: quando os livros ultrapassam a ficção**. Jornalismo Jr, 3 de maio de 2022. Disponível em: <https://jornalismojunior.com.br/literatura-e-politica/>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CARVALHO, Rosana F. Colonialidade, território e exclusão: reflexões sobre a educação especial nos territórios amazônicos. **Revista Formação & Trabalho**, v. 4, n. 7, 2022. Disponível em: <https://revistaft.com.br/colonialidade-territorio-e-exclusao-reflexoes-sobre-a-educacao-especial-nos-territorios-amazonicos>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Educação, escola e docênciа: novos tempos, novas atitudes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FAUSTINO, Fernanda. **Abordagem da cultura indígena nas obras de Daniel Munduruku**. Blog Daniel Munduruku, postado em 8 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com/2013/02/abordagem-da-cultura-indigena-nas-obra.html?m=1>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6. ed., 2008.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4918528/mod_resource/content/1/JULIA%20Dominique%20cultura%20escolar%20como%20objeto%20histórico.pdf. Acesso em: 8 dez. 2024.

LOUREIRO, João de Jesus Paes; PINHEIRO, N. F. Educação e literatura amazônica: um diálogo possível. Belém: Edufpa, 2018.

SANTOS, Alisson A. et al. Descolonizar o ensino de Ciências: saberes indígenas e educação na Amazônia brasileira. **Revista Hist. Ensino de Ciências**, UEL, v. 14, 2025. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/39631>.



SEABRA, Magno da Silva. **A identidade da criança amazônica: um olhar sobre as infâncias e a educação no território fronteiriço.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Benjamin Constant. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/8119>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SILVA, Ana P.; CABRAL, Davi L. Representações do espaço amazônico nos livros didáticos de Geografia aprovados no PNLD (2020–2023). **Revista Arace**, v. 9, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4913>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SOUZA, Eli Conceição; COLARES, Anselmo A. Amazônia brasileira: educação e contexto. **Revista Amazônica**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29280/rappge.v7i01.10633>. Acesso em 10 dez. 2024.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 13^a ed., 2017.